

Observações sobre a *garage e cocheira*, encomenda de António Santos Jorge ao Arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior

Por Madalena Romão Mira, CICH_UAL

O edifício da antiga garagem, cocheira e cavaleriça da casa de António Santos Jorge, também identificado como «Cocheiras de Santos Jorge» ou «Cavaleriças de Santos Jorge», na Rua de Olivença, 2, ao Estoril, foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 2 de 6 de março de 1996. Esta ação institucional em nada contribuiu para a preservação de um dos mais icónicos objetos arquitetónicos da zona e uma das obras mais peculiares do Arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior (Lisboa, 24 de novembro de 1878 – Sintra, 11 de dezembro de 1962).

A data do pedido para edificar (1914), insere-se entre a 12ª e 13ª obra de Norte Júnior, no conjunto de informação que detemos, e a segunda em termos de idêntica funcionalidade, pois em 1909 havia já riscado a garagem e anexo do palácio Pombeiro (hoje, a Embaixada de Itália, que nunca visitámos).

As suas manifestações de arquiteto eclético são comumente atribuídas a influência do tempo dos seus estudos em Paris, tese com que discordamos, pois, a sua passagem pela capital francesa foi inferior a quatro meses e, como afirma em correspondência com Luciano Freire “Não achei nada de novidade. Na architectura é simplesmente uma repetição do mesmo a architectura está muito explorada no que respeita a proporções clássicas”.

Aa máscaras escultóricas na obra de Santos Jorge já tinham sido usadas por Norte Júnior no Palacete Belmarço, em Faro (1912) e vão repetir-se mais tarde em diversos projetos (R. Braancamp, 1921 ou Cinema Royal, em 1929, entre outros).

As varandas e balcões de sacada aparecem nas cocheiras e mais tarde na Av. Duque de Ávila 28-30, em 1920, ou no Hotel Palace da Curia, em 1926, parecendo ser o único elemento experimental neste projeto, no sentido de não lhe conhecermos outros semelhantes ou idênticos em datas anteriores.

O arco de volta redonda apoiado em colunas é comum em Norte Júnior, assinalando-se apenas os anteriores e contemporâneos, em termos cronológicos: Casa Malhoa (1905); avenida Praia da Vitória (1912); Voz do Operário (1913); avenida Fontes Pereira de Melo, 28, (1914); avenida da Liberdade, 206-208, (1915).

O ferro forjado do portão está igualmente presente em múltiplos trabalhos de Norte Júnior, desde logo no desenho borboleta da Casa Malhoa (1905); Casa de Amélia Pereira Leite, na avenida da República (1910); a casa de Mário de Artagão, na avenida da República (1911); ou a Vila Souza, na Alameda das Linhas de Torres (1912), entre muitos outros posteriores.

O programa decorativo com recurso a motivos vegetalistas está igualmente presente em várias obras: avenida de Berna, 1 (1908); casa de Amélia Pereira Leite (1910); ou avenida Fontes Pereira de Melo, 28 (1914).

Norte Júnior evidenciou uma necessidade de preenchimento do espaço em todas as suas obras, envolvendo escultura, ferro, vitrais, pinturas decorativas, azulejos, numa amálgama que resultava em obras de dimensão monumental.

O título do documento que pede a devida autorização camarária - “Projecto de construção da garage e cocheira que o Exm^o. Sr. António Santos Jorge deseja fazer no seu terreno junto á passagem de nível do Estoril” transporta ele próprio um ecletismo que se interpreta numa dimensão de progresso: a cocheira que remete para o proprietário agrícola, dono da obra, e a *garage* que endereça para uma vivência mais em concordância com o Estoril da época, com um futuro planeado que Santos Jorge não concretizaria, geralmente atribuído a falta de verba, versão com a qual não concordamos.

A vasta herança que fez de António Santos Jorge um homem muito rico, em 1909, nomeou-o por testamento de José Maria dos Santos beneficiário da herdade dos Machados, que tinha o maior olival da Península Ibérica e, entre outro património, da Herdade de Rio Frio, que no início do século tinha a maior vinha do mundo. Abastecia toda a Lisboa e exportava, o que não é consonante com falta de verba para construir, aumentar ou remodelar uma casa.

A garagem/ cocheira do Estoril é encimada por uma águia de asas abertas cuja cabeça se vira para a linha férrea, talvez curiosa, garantidamente soberana. Desconhece-se o seu significado literal (tal como se desconhece o significado da esfera armilar na sua obra da avenida da República, 55) mas curiosamente, o logotipo da herdade de Rio Frio, hoje Sociedade Agrícola de Rio Frio, SA, ostenta uma águia de asas bem abertas.

Abril de 2018.